



ARTIGO



Imagens persuasivas: Masculinidade e autoritarismo na cena política contemporânea

Lucas Maroto Moreira, *Universidade Federal da Bahia*

RESUMO. O artigo debate a representação da masculinidade viril na política contemporânea e, particularmente, a estética *masculinista* vinculada à (extrema) direita e, de modo geral, ao autoritarismo. A análise focaliza cenas e fotografias difundidas em canais midiáticos e redes sociais nas quais a associação entre política e louvor à estética masculinista é sintetizada na figura do líder de Estado ou de seus apoiadores. As imagens em questão foram produzidas no Brasil e nos EUA entre 2018 e 2021. Comparando-as e analisando-as isoladamente, destaca-se de que maneira, através de uma estética sincrética, tem-se produzido uma cena masculinista transnacional que serve de sustento a diferentes grupos políticos. Esses recursos visuais são estrategicamente concebidos com referências heterogêneas que condensam desde estereótipos arcaicos até imagens emblemáticas da masculinidade contemporânea. Essas imagens, dada a frequência com que aparecem em cenas políticas, podem ser compreendidas como parte da atual ofensiva antigênero em países do Norte e do Sul Global. Essas aparições, ao mesmo tempo, reafirmam uma visão neofascista na política e se constituem como resposta ressentida, fundamentalmente machista, frente ao progressivo avanço de conquistas sociais nas últimas décadas decorrentes das lutas feministas e da atuação de movimentos sociais ligados às identidades sexuais e de gênero dissidentes.

PALAVRAS-CHAVE: Masculinidades. Autoritarismo. Política. Imagem.



Introdução

O ascenso da extrema-direita em diversos países do mundo correspondeu simultaneamente à emergência de variadas representações da masculinidade viril, instrumentalizadas enquanto marketing político manipulado por algoritmos e *fake news* propagadas por canais midiáticos e redes sociais, com destaque para os grupos de WhatsApp. O presente texto busca propor reflexões e interpretar a emergência de tais imagens como parte de uma cultura visual masculinista fomentada por grupos heterogêneos de extrema-direita e figuras políticas de inclinação autoritária que buscam emular, reproduzir e divulgar tais imagens e performances de masculinidade. A proliferação dessas imagens alcança variadas escalas, podendo ser descrita como parte da criação de uma cena masculinista transnacional que caracteriza a política nestas primeiras décadas do século XXI.

A perspectiva analítica assumida aqui consiste em descortinar, do ponto de vista simbólico, por um lado, como essa iconografia masculinista, marcada por músculos, sangue e armas de fogo, tende a representar performances que se inspiram em noções de poder patriarcal e capacidade de liderança e, por outro lado, como tais cenas e performances buscam figurar o ressentimento machista frente ao avanço das lutas sociais dos movimentos feministas e LGBTQIA+, com os quais tornaram-se obrigados a conviver, tanto na esfera da política institucional — refiro-me aos cargos políticos ocupados por homens e mulheres trans e travestis, gays e lésbicas — quanto no plano da cultura e da socialização.

Como indicam Nicole Lamerichs e colaboradores (2018), a internet e a linguagem dos *memes* políticos ligados à extrema-direita — disseminados em redes sociais como Facebook, Instagram ou grupos de WhatsApp e Telegram — tornaram-se um dos principais vetores de propagação de ideais masculinistas, por meio de textos, jogos e retratos históricos construtores de uma narrativa heroica e, por vezes, caricatural, carregados de racismo, sexismo e, especialmente, de machismo. Para os autores supracitados, os *memes* são parte de uma comunicação e de uma linguagem persuasivas a partir das quais se pode seguir as linhas de ascensão de um extremismo político que tende a congrega grupos aparentemente desconectados que há muito tempo pareciam adormecidos em variados países do globo, como supremacistas, nacionalistas, neonazistas etc. No mesmo sentido, acrescento que as imagens midiáticas que retratam a vida pública dos líderes políticos, suas campanhas eleitorais e as manifestações de seus apoiadores oferecem,



igualmente, uma densa iconografia composta de representações visuais que se engajam em promover uma masculinização do político e da política.

A título introdutório, antes de chegarmos diretamente à análise das imagens que serão objeto deste texto e no intuito de evidenciar o caráter transnacional dessas representações, trarei abaixo a narrativa de uma cena midiática amplamente repercutida nos últimos anos, na qual o personagem principal é o Presidente da Federação da Rússia, Vladimir Putin. A narrativa dessa cena, sobre a qual não nos deteremos, servirá de ponto de partida para apresentar ao leitor/a de que modo a representação visual do poder masculino torna-se um instrumento persuasivo quando articulado a cenas políticas. Nesse sentido, como apontam pesquisas atuais (cf. SPERLING, 2015), a ascensão e a popularidade de Putin são um exemplo bastante significativo de como o uso estratégico de imagens de virilidade associadas à política serve como um profícuo meio de comunicação e convencimento do eleitorado, ao conectar dimensões normativas do gênero a ideologias e projetos políticos particulares associados à segurança nacional.

No dia 19 de janeiro, data em que os cristãos comemoram o batismo de Cristo no rio Jordão, o presidente Vladimir Putin, sob os olhos da imprensa, realizou, nos anos de 2018, 2019, 2020 e 2021, um ritual característico da ortodoxia russa que consiste em um mergulho nas águas gélidas do inverno ártico. O ato representa a reafirmação ideológica do presidente dos valores cristãos ortodoxos, mas também apresenta, ao público que assiste, sentimentos como sangue frio e bravura frente aos riscos do limite físico.

Depois de retirar um grosso casaco de pele e botas resistentes, Vladimir Putin fica apenas em traje de banho frente a uma cruz esculpida em gelo e de grande tamanho; em seguida, desce uma pequena escada e mergulha três vezes nas águas, cujas temperaturas chegam a níveis abaixo de zero grau Celsius; faz, por fim, com a mão sobre o peito, o sinal da cruz representando a Santíssima Trindade. Nas laterais, apinham-se grupos de apoiadores do presidente enquanto, à sua frente, fotógrafos e cinegrafistas registram a cena.

O rito simboliza um pacto de fé praticado pelo cristão ortodoxo, que, através do corpo desnudo e de sua submersão em águas de baixa temperatura, performa a coragem e a entrega espiritual. Putin apresenta-se, nesse sentido, como um homem alinhado com os valores religiosos da ortodoxia cristã. A cena do mergulho protagonizada pelo chefe de Estado torna evidente uma concepção de gênero que tem sido, acima de tudo,



incorporada como parte da promoção política do presidente: a representação de Putin como um líder destemido, um homem verdadeiramente e religiosamente *macho*. A cena, inicialmente religiosa, pode ser percebida na sua relação com outras aparições públicas nas quais alguma dimensão do vigor físico e da corporalidade do presidente é explorada frente às lentes de câmeras estrategicamente posicionadas, seja ao manejar grandes animais, praticar esportes como mergulho ou caça, realizar cavalgadas nas planícies russas, ostentar espingardas, seja ao disputar uma “quebra de braço” com um dos seus eleitores em plena praça pública.

Como na cena do mergulho, figura-se nessas outras imagens a presença ativa do corpo viril, como se a virilidade, e mais propriamente a disposição física, e até guerreira, fosse um valor necessário à liderança política. Nessas imagens, que rapidamente viram *memes* e se replicam, o aspecto masculino do combate e da violência figuram, de maneira bastante eloquente, uma retórica política específica que se pauta, sobretudo, pela dominação dos grupos sociais que se encontram fora do espectro dessa performance de masculinidade.

A aparição do presidente Vladimir Putin em cenas públicas através de imagens emblemáticas de representação masculina, como notou Valerie Sperling (2015), exemplifica o uso do gênero como mecanismo de controle social, como elemento-chave na legitimação ideológica do conservadorismo político da extrema-direita. Tais cenas buscam explorar aspectos da performance masculina considerados próprios de um líder de Estado que pode provar, por meio delas, que congrega visualmente a força e a potência da violência necessárias para defender o país não apenas em caso de uma guerra como também moralmente.

Valerie Sperling justapõe analiticamente política, gênero e sexualidade na Rússia contemporânea, evidenciando como as normas e práticas generificadas, incluindo seus mecanismos ideológicos de exclusão — machismo, misoginia e homofobia —, transformaram-se em um dos principais meios de conexão ideológica entre Putin e seus apoiadores em todas as classes sociais, permeadas pela propagação desse imaginário. O uso estratégico das cenas rituais religiosas (como o mergulho nas águas gélidas) ou das práticas esportivas e *hobbys* tem a função de imprimir no cenário político a representação mais tradicional do gênero masculino, aquela em que o domínio propriamente patriarcal é encenado publicamente.



Os Estados Unidos e o Brasil são também exemplos significativos da globalização das imagens viris na política, as quais — dada a frequência com que aparecem e o seu conteúdo explicitamente conservador no tangente a avanços sociais em termos de igualdade de gênero — podem ser compreendidas, simultaneamente, como causa e resultado de uma campanha global que tem buscado fazer regredir esses avanços atacando corpos e direitos das mulheres e membros dos coletivos LGBTQIA+, identidades as quais a ideologia masculinista precisa atacar na busca por revigorar seu domínio. Essa força que busca recrudescer a violência sobre esses grupos sociais e movimentos políticos, também denominada *ofensiva* ou *cruzada antigênero* (MISKOLCI; CAMPANA, 2017; CORRÊA, 2018), marca as imagens em que se encena a política em países do Norte e do Sul Global.

Com base nesta discussão prévia, focalizaremos, a seguir, o contexto, as representações e os efeitos da reemergência ou revigoração de imagens de virilidade masculinista atreladas à política nesses dois países do continente americano. Por um lado, o foco é colocado em imagens associadas ao ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump e seus apoiadores, sobretudo na transição de seu mandato para o do presidente Joe Biden, em janeiro de 2021, que passou a história pelas turbulências antidemocráticas em solo estadunidense. Por outro lado, e comparativamente, focalizam-se imagens midiáticas disseminadas ao longo da passagem pelo Governo Federal brasileiro de Jair Bolsonaro, nas quais representações masculinistas foram postas em destaque com a utilização de referências visuais similares, quando não idênticas, àquelas encontradas entre os grupos pró-Trump.

A proposta, ao analisar as representações que munem tais imagens de múltiplas camadas de conteúdo simbólico masculinista, é delinear o espectro conservador em que se enquadram, assim como seus arquétipos e estereótipos. Ao levarmos em consideração que olhar para fora e agir comparativamente constitui uma das metodologias da disciplina antropológica e, ao mesmo tempo e conseqüentemente, que olhar para a diferença — no caso, para os últimos dias do governo de Trump — é uma forma de olharmos para nós mesmos, torna-se possível intuir quais tipos de atitude masculinista podem tomar as ruas do Brasil em futuras transições entre governantes, assim como em outros lugares do mundo onde a extrema-direita esteja prestes a ocupar ou desocupar o poder; torna-se possível, ainda, evidenciar que imagens e performances poderão servir de suporte para essas atitudes.



A persuasão da imagem masculinista

Imagens são persuasivas. Afirma o filósofo Georges Didi-Huberman (2013, p. 35) que “as imagens conferem uma figura, não apenas às coisas e aos espaços, mas também aos tempos: as imagens configuram o tempo da memória e, ao mesmo tempo, do desejo”. Em outras palavras, formas visuais, como uma fotografia, por exemplo, trazem à tona uma dimensão histórica ao mesmo tempo que figuram o presente e o futuro, aquilo a que se aspira. Dessa maneira, as formas imagéticas, indica-nos o autor, são formas heurísticas, na medida em que revelam aspectos e interpretações (persuasivas) do tempo em sua dimensão estética, sociológica e cultural.

Para que a imagem se valha enquanto suporte de leitura de tais aspectos, Didi-Huberman (2013, p. 20) sugere ser necessária uma sobreposição analítica entre os recursos sensíveis das configurações visuais — ângulos, formas, cores, posição dos objetos, sensações —, por um lado, e, por outro, uma formulação conceitual própria ao campo epistêmico. Nesse sentido, conclui o autor, imagens agrupadas de certa maneira com intuito de análise “oferecem a possibilidade — ou, melhor, o recurso inesgotável — de releitura do mundo”.

Trilhando caminho similar, Etienne Samain (2012, p. 31) propõe, tomando emprestadas considerações metodológicas de Gregory Bateson e Aby Warburg, que toda imagem contém uma retórica e que “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto, ela participa de um sistema de pensamento”. A aposta de Samain é a de que poderíamos chegar a interpretações de ordem socioantropológica utilizando como meio as próprias imagens, não enquanto produtos sobre os quais interpretações isoladas são produzidas, mas enquanto veículos para se articular o contexto de sua produção, de sua fruição e, o que é mais importante, da relação que estabelecem com outras imagens difundidas em outros períodos históricos. Reforçando tal perspectiva, John Berger (1999, p. 12) nos lembra que uma imagem pode “ultrapassar em duração aquilo que ela representa”.

Nos últimos anos, telas de telefones celulares, televisões e computadores têm sido invadidas por um certo tipo de imagem que fornece um recurso inesgotável de representação persuasiva do masculinismo. Dentre essas imagens, aquelas associadas a políticos têm



se destacado como algumas das mais virulentas: na segunda metade dos anos 10 e início da década de 20 do nosso século, uma expressiva quantidade de fotografias de Donald Trump, Jair Bolsonaro, Vladimir Putin e outros líderes, como o filipino Rodrigo Duterte, portando pistolas, metralhadoras e fuzis, ou fazendo alarde de campanhas bélicas e governos ditatoriais em discursos públicos, tornou-se de comum circulação. A homofobia e a misoginia expressas nos mesmos discursos e eventos ratificam o radicalismo conservador do espectro em que se enquadram essas imagens, que se apoiam numa retórica persuasiva de reprodução do machismo e representam uma ameaça à agenda democrática por mobilizarem de forma eficaz imaginários e instrumentos na ofensiva antigênero.

No Brasil, especificamente, como evidenciam Miskolci e Campana (2017, p. 743), ataques contrários aos direitos humanos têm se tornado componente de uma política de Estado em torno de direitos sexuais e reprodutivos fundamentada em um pânico moral. Segundo os autores, o objetivo seria “distanciar os movimentos feministas e LGBT, e mesmo seus simpatizantes, das definições de políticas públicas e tomar o controle sobre elas”.

No mesmo sentido, Regina Fachinni e Isadora Lins (2020) afirmam que a recusa aos avanços em termos de direitos humanos compõe um dos fundamentos políticos da atual ofensiva conservadora que objetiva o desmonte da agenda progressista de gênero e sexualidade. Para as autoras, a arena da política tem passado a ser dominada pelas concepções hegemônicas de masculinidade usadas como instrumento de intimidação (às quais fazemos referência neste texto com o adjetivo “masculinistas”) e pela retirada de direitos já garantidos por políticas públicas e legislação voltadas para as mulheres e a comunidade LGBTQIA+. Por fim, concluem, a ofensiva antigênero é elemento de uma disputa por direitos após um cenário de *cidadanização* das mulheres e das identidades de gênero dissidentes. A aposta deste texto é que a circulação de tais imagens e representações da virilidade se contrapõe efetivamente a esse cenário de *cidadanização*.

A antropóloga Véronique Nahoum-Grappe (2004, p. 20-24) evidencia como, nos contextos de extrema violência contra as mulheres, como foi a guerra na ex-Iugoslávia entre os anos 1991 e 1995, marcada por estupros sistemáticos, há subjacente uma “cultura da virilidade agressiva” difundida por meio de uma propaganda da guerra baseada em determinados estereótipos do homem *malvado*. Embora Nahoum-Grappe se dedique fundamentalmente à reflexão em torno do uso político



de violações e estupros sistemáticos e como esses atos demarcam um tipo de “assassinato de gênero”, a autora aponta questões relativas aos estereótipos e elementos estéticos que compoariam a performance do poder masculino, mecanismos que orientam a distribuição de papéis e de determinadas “imagens vinculadas no interior de determinada cultura e a escolha de certas práticas”. Por sua vez, essas imagens não se encontram vinculadas a um tempo histórico específico; elas costumam misturar referências temporais:

A questão da cultura do soldado ou do miliciano precisará ser estudada pelos sociólogos: na prática vemos que a escolha de insígnias particulares como tatuagens, brincos e gostos (a música hard rock, os filmes americanos estilo Rambo, os objetos ligados ao mundo do vídeo de preferência roubados etc.) demonstram que a ideologia nacionalista viril e “étnica” alimenta-se de produções culturais contemporâneas difundidas no mundo inteiro. Não é sociologicamente correto pensar o renascimento de arcaísmos: o jovem miliciano (...) participa do modo de vida urbanizado e da subcultura da modernidade internacional. Os progressos do feminismo, no plano do direito, não parecem contradizer o prestígio das virilidades sincréticas mostradas nas telas de todo o mundo (NAHOUM-GRAPPE, 2004, p. 30).

Como demonstra a autora, há uma estética, visualmente sincrética, que aflora no seio das sociedades marcadas pelo totalitarismo. Essa estética da imagem masculinista é composta por mistura de estereótipos. Estas reproduções estereotípicas mais conhecidas estão associadas à guerra, aos músculos e às armas — e à alusão ao passado glorioso de mártires —, mas há também referências buscadas no período medieval, na iconografia greco-latina ou no mundo das máquinas e até mesmo dos robôs e ciborgues. É, portanto, através dessas referências heterogêneas que se constituem as representações de virilidades sincréticas, como as definiu Nahoum-Grappe (2004, p. 30), que tendem a se reproduzir no contexto dos novos meios de comunicação. Estas imagens são, nesse sentido, meios de compreender como dimensões do machismo assumem variadas formas e se moldam de maneira flexível aos diversos contextos e às performances dos líderes políticos, dos grupos de extremistas e neofascistas, tornando-se uma das formas de manifestação da dominação masculina no plano da socialização, da estética e da política.

A antropologia das masculinidades e o autoritarismo na política



Mara Viveiros Vigoya (2018, p. 37) sugere que não há campo de estudos das masculinidades que não pense simultaneamente o próprio feminismo e suas ondas teóricas. Fora desse espectro, uma análise da masculinidade como dimensão autônoma corre o risco de reificar estruturas de poder ou de adotar um enfoque demasiadamente semiótico. A interconexão entre as teorias feministas e os estudos sobre homens, segundo a autora, se dá na segunda metade do século XX, sendo marcada pela emergência de diversas teorias que tratavam de explicar as causas da dominação masculina, enfatizando a dimensão relacional do conceito de gênero. Essas diversas teorias buscavam “corrigir as falsas presunções sobre as mulheres e prefigurar novos tipos de mulheres — e de homens — em novas circunstâncias sociais”.

É por volta dos anos 1970 que um novo campo de estudo ganha força, em universidades dos Estados Unidos, com a alcunha de *Men's Studies* ou estudos das masculinidades, o qual se nutriu, segundo Vigoya (2018, p. 41), de contribuições de “diferentes movimentos sociais como o dos direitos civis, o movimento feminista e o movimento de liberação gay”. Na visão da autora, a proliferação de trabalhos com a temática da masculinidade ao longo dos anos seguiu basicamente duas orientações: “os que se definem como aliados ao feminismo e os que reivindicam uma análise autônoma da masculinidade”.

A primeira orientação focou na construção social da masculinidade afirmando a inseparabilidade analítica da categoria no bojo das estruturas do gênero, ou seja, pontuando a desproporcionalidade do poder com o gênero feminino, sugerindo, nesse sentido, que o gênero masculino, tal qual o conhecemos, ao menos de maneira dominante, corresponde a um conjunto de relações de dominação com o feminino e as feminilidades. Para Vigoya, a segunda vertente analítica no campo das masculinidades tende a falhar ao pensar a masculinidade desvinculada das estruturas sociais determinantes. Essa vertente concentrou-se em análises culturais e literárias, influenciada por textos literários cuja crítica baseava-se na necessidade da revisão ontológica da masculinidade, um redescobrimiento do homem moderno que tendeu a se incorporar nas tramas do neoliberalismo.

Atualmente, variadas pesquisas nas ciências sociais têm incorporado a primeira visão na percepção das dinâmicas de poder e opressão de mulheres e LGBTQIA+, compreendendo, como passo fundamental para o fim da violência de gênero, a importância de se analisar a masculinidade vinculada às estruturas, uma vez que o gênero é uma estrutura de práticas sociais alimentada por atos performativos do



corpo e do discurso. As masculinidades, conseqüentemente, como sugere Raewyn Connell (1996), são configurações de práticas que estão culturalmente situadas. Assim, a autora sugere uma compreensão estrutural ao perceber que toda masculinidade só é possível articulada a um sistema de relações de gênero e que estas relações se conectam, por sua vez, a estruturas sociais de classe, raça e nacionalidade, gerando, nesse sentido, espectros de masculinidade.

Os estudos orientados por essa visão teórica, à qual se filia este texto, ao mesmo tempo que focalizam as experiências dos homens, seus modos de identificação e como pensam e fazem a si mesmos e uns aos outros, descrevem a maneira como as estruturas sociais de dominação masculina são cultural e politicamente perpetuáveis.

Em comum, os estudos destacam a violência e a solidariedade viril como o marco de expressão do *habitus* dominante da masculinidade, pautado, sobretudo, na disputa pelo poder político, na necessidade de aprovação homosocial, no uso da força física, na demonstração agressiva da potência sexual, na dominação das mulheres, na misoginia e na LGBTQfobia (cf. VIGOYA, 2018; CONNELL, 1996; WELZER-LANG, 2001; VALE DE ALMEIDA 1996; KIMMEL, 2016; GUTMANN, 2000). Tais perspectivas, próprias de campos de pesquisa particulares, trazem contribuições relevantes para se pensar a dominação masculina e os meios através dos quais ela se apresenta, enquanto posicionamento relacional no âmbito do gênero, por meio de práticas sociais.

Nesses estudos, uma dimensão de destaque é dada à correlação entre os agrupamentos masculinos e a solidariedade política, aquilo que Matthew Gutmann (1997), por intermédio de Laionel Tiger, definiu como *male bonding*, o vínculo solidário da camaradagem. Vale de Almeida (1996) aponta, no mesmo sentido, o fato de que a associação masculina é a base da estrutura androcêntrica, que alicerça não apenas a socialização, mas os fenômenos da economia e da política.

Johann Chapoutot (2013, p. 352-355), recorrendo às organizações políticas autoritárias e juvenis do nazismo,¹ indica que os vínculos políticos e os da camaradagem viril são fundados no fato de os homens guerrearem ideologicamente em um combate comum, formando uma “comunidade forjada pela ética reivindicada e pela prática assumida da violência”. O poder bélico e a estética totalitária, comuns nos dados históricos do nazifascismo do século XX, circunscrevem uma das

¹ O autor se refere ao conceito *Männerbund*, forjado pelos etnólogos para designar a solidariedade patriarcal nas sociedades ditas tradicionais. O termo se tornou um slogan em voga nos movimentos de juventude depois do movimento nazista na Alemanha.



representações centrais da masculinidade hegemônica e da ideologia masculinista, conforme nos informa John Champagne (2012), por exemplo, acerca do fascismo na Itália.

Especificamente acerca da dimensão viril, contida nas ideologias do nazifascismo italiano e alemão, segundo indica Johann Chapoutot, a partir de uma história antropológica, é possível traçar uma difundida obsessão com a formação social e estética de um novo homem. Segundo o autor, “esse novo homem, de fato, foi frequentemente mais um homem do que uma mulher” (CHAPOUTOT, 2013, p. 335). A virilidade fascista, então, se definia não somente pela anulação ontológica da mulher e do feminino, mas pela necessidade de criação de um novo homem mais atlético, procriador da raça ariana, antes e acima de tudo um soldado capaz de combater pela própria pátria.

Essa virilização esteve encarnada no nazifascismo na aparição estética do corpo masculino esportivo, tanto em eventos competitivos como em obras de arte dos artistas favoritos do regime. Nesse sentido, o homem, o exercício de sua força física, e a nação aparecem imbricados nesses contextos políticos autoritários, tendo como reverso o feminino (limitado à reprodução) ou o judeu, tido como fraco e emasculado.

A feminilidade se encontra, então, excluída, pois ela está do lado do inimigo. Para os ideólogos e propagandistas nazistas, somente a raça nórdica é completamente viril: os judeus, caso eles possam dar provas de uma violência próxima da força masculina, somente possuem um poder animal, bruto, desprovido de consciência e de inteligência e desse autodomínio que é um dos atributos da virilidade. Os judeus são essencialmente femininos: objetos de suas pulsões, instáveis e lábeis, eles estão submetidos, tal como a mulher, a uma natureza que não dominam; dotados de uma aparência física desgraçada e adiposa, eles são as antípodas dessa musculatura torneada de que o homem fascista se dota por um esforço voluntário e duradouro. (CHAPOTOUT, 2013, p. 338).

O afloramento da ideologia masculinista, que no nazifascismo possuía uma noção de corpo e uma estética, fica evidente em análises históricas como as propostas por Chapoutot (2013), nas quais encontramos similaridades com aspectos abordados nos estudos contemporâneos das masculinidades na sua interface com o autoritarismo, como nas formulações de Bill Peterson e Eileen Zurbriggen (2010), que evidenciam como a emergência de governos de propensão autoritária sinaliza a instauração simultânea dos valores viris na política, que envolve o cultivo de subjetividades marcadas pela rápida assimilação de preconceitos e pela rigidez na percepção sobre os papéis de gênero e sexualidade. No que concerne às concepções de gênero, a pesquisa



evidencia que valores autoritários geram sujeitos cujas personalidades se constituem pela disposição de fazer uso da violência contra outros que sejam percebidos como não convencionais ou ameaçadores do *status quo*, fazendo aflorar no cotidiano social uma rigidez na demarcação entre o sujeito, seu grupo e os outros.

Para Peterson e Zurbriggen (2010), o ponto de partida teórico já se encontra nas formulações de Theodor Adorno sobre a personalidade autoritária e sobre como os autoritários veem o mundo a partir das hierarquias entre membros do mesmo grupo (*ingroup*) e sujeitos exteriores ao grupo (*outgroup*). A contribuição dos autores encontra-se justamente na discussão sobre a maneira como o sexo biológico se torna um meio de diferenciação marcante na constituição dos sujeitos e seus grupos sob regimes autoritários.

A rigidez da categorização e seus simbolismos — por exemplo, submissão, emoção e dependência como características essencialmente femininas, e dominação, estoicismo e independência como essencialmente masculinas — será elemento deflagrador da agência intolerante em relação às ambiguidades de gênero. Advém desse fato, por exemplo, a relação entre autoritarismo e homofobia. Nessa perspectiva, vai imperar o controle da sexualidade por meio de um moralismo extremo e reações punitivas dada a forte inclinação de obediência a um líder que concentra poder bélico, simbólico e personalista.

No mesmo sentido, investigando a coprodução entre gênero, poder bélico e autoritarismo, o artigo da antropóloga Rebecca Tapscott (2020, p. 1566) sugere como conceito central aquilo que define como *masculinidades militarizadas*, um mecanismo-chave de controle social, “modo de disciplina social” levado a cabo por governantes autoritários no contexto político de democracias liberais.

Para Tapscott (2020, p. 1567), o novo autoritarismo é pautado por performances de masculinidade militarizada que encenam publicamente a forte associação entre o poder e o militarismo (instituição mais emblemática, junto com outras como as polícias, do monopólio da violência por parte do Estado) e são formuladas como narrativas masculinas que reforçam a autoridade do governante. Por meio da expressão do poder das armas e da potência masculina por extensão, desenvolve-se um processo de socialização baseado naquilo que a autora denomina “paradoxo de contenção”, o qual é reflexo da coexistência aparentemente contraditória de instituições democráticas e poder autoritário.



Apontando para o simbólico militarizado nos governos de Duterte e Putin, Tapscott (2020) evidencia a reprodução do gênero no poder executivo, performada pelo líder, e o modo como, então, é transmitida e transcrita nas identidades de gênero de cidadãos comuns. O resultado é um sujeito político que se engaja com o regime através de uma socialização masculina fundada na violência (ou na vontade de matar) e na ordem disciplinada:

Prezar por masculinidades militarizadas e as performar, portanto, auxilia os governantes autoritários de hoje a destacarem seu potencial para tomar conta de uma violência inexplicável, quer no nível simbólico quer no nível material. (TAPSCOTT, 2020, p. 1570).²

Segundo Tapscott (2020), a masculinidade militarizada encena o paradoxo do autoritarismo contemporâneo, pois, por um lado, apresenta a performance da violência, a militarização e o uso iminente da força — a tensão ocasionada pela sensação de que a força estatal pode ser usada a qualquer momento — e, por outro, garante que determinadas instituições mantenham uma fachada democrática, assim como uma relativa liberdade dos sujeitos. O que a autora sugere é pensar o gênero como um campo produtivo para disseminação de posturas conservadoras dentro desse cenário, um meio de conexão entre as políticas do Estado, seus líderes e as populações.

Como explanei até aqui, fundamentado nos trabalhos supracitados, é possível encontrar nexos conceituais para explicar histórica e antropológicamente a forte correlação entre a representação política do masculinismo e a formação do autoritarismo. A intenção de acionar esses teóricos foi levantar uma discussão acerca das principais características que comporiam a representação do masculino nas cenas e nas imagens da política como substrato para analisar algumas imagens apresentadas e discutidas na seção a seguir.

Parto da asserção de que o contexto político contemporâneo, caracterizado pelo avanço do autoritarismo, é responsável pela criação de determinadas imagens e cenas, as quais, se destrinchadas analiticamente, podem desvelar não apenas os velhos estereótipos patriarcais e suas raízes no nazifascismo como também as figurações do masculino contemporâneo e suas performances de masculinidade militarizada, impulsionadas pelo poder de imagens persuasivas.

² “Performing and prizing militarize masculinities therefore helps today’s authoritarian rulers foreground their potential for overwhelming an unaccountable violence, both symbolically and materially”.



De Rambo aos vikings: a cena política contemporânea

Nos meses de dezembro e janeiro de 2021, o então presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, proferiu, em diversos eventos públicos e em *posts* incendiários no Twitter e outras redes sociais, discursos inflamados que tinham por intuito deslegitimar o resultado das eleições ocorridas no mês de novembro de 2020, nas quais fora derrotado. Donald Trump anunciou ações judiciais contra o resultado das eleições alegando fraude eleitoral e promoveu uma série de atos antidemocráticos. Após o pleito, em cada uma de suas aparições públicas, Trump foi, aos poucos, incentivando seus apoiadores, formados por frações variadas da direita e da extrema-direita, a se indignarem com o resultado das urnas e agirem no sentido da organização de protestos.

Sendo assim, tais apoiadores articularam-se via internet e apresentaram uma resposta violenta aos comandos de Trump, a qual culminou na invasão ao Congresso Nacional dos Estados Unidos no dia 6 de janeiro de 2021, causante de cinco mortes. Nesse evento, havia uma série de cartazes, camisas e faixas nas quais se estampavam símbolos neonazistas, bandeiras dos Estados Unidos e de Israel, além de imagens de cobras e de Trump portando armas. Quem as empunhavam e as vestiam eram, sobretudo, supremacistas brancos, grupos masculinistas, conspiracionistas, como o Q'anon, subgrupos da direita alternativa (*alt-right*), racistas e apologistas da violência, como os *Proud Boys*, ou o *Bikers for Trump*, grupo formado por ex-militares.

Esses grupos políticos e seus membros, dada a singularidade estética com que se apresentaram e a natureza excêntrica e extremista das ideias que professam, ocuparam o lugar de protagonistas em cenas e fotografias divulgadas em canais televisivos, em canais do Youtube e nas redes sociais naquele dia 6 de janeiro. Quase sempre é possível visualizar em tais cenas uma multidão que toma as ruas, a fachada e a parte interna do Congresso Nacional; veem-se, igualmente, bandeiras flamejantes com frases de efeito e de apoio a Donald Trump, além de homens vestindo uniformes de futebol americano ou usando capacete e tacos de beisebol; estão presentes motociclistas vestidos com jaquetas de couro estampadas com caveiras e cavalos de corrida.

Além desse conjunto bastante singular de referências visuais esportivas e de signos ligados à virilidade, outra imagem chama a atenção naquela invasão ao Capitólio: desta vez, ela se encontra estampada em



camisas, em bandeiras ou em réplicas de bonecos de papel. Nelas, vemos o rosto do então presidente Trump acoplado ao corpo hiper musculoso do personagem cinematográfico John Rambo, do filme de 1982 *First Blood* (lançado no Brasil com o título de “Rambo: Programado para Matar”). Nessas imagens das bandeiras e camisas, o corpo viril portador de um fuzil, suado e com as veias do braço ressaltadas, apresenta a espetacularização e o culto estético da masculinidade militarizada.

Figura 1: *Trump Rambo Bazooka Flag*



Fonte: À esquerda, fotografia de Mariana Sanches, *BBC News Brasil*; à direita, imagem de bandeira à venda no site da Amazon.

As representações de Trump mimetizado no corpo do personagem cinematográfico viraram febre desde o início da campanha presidencial, ainda em 2020, quando comercializadas na Amazon estampadas em bandeiras intituladas “*Trump Rambo Bazooka Flag*” (bandeira de Trump Rambo com bazuca). Nelas, é possível ler a frase “*No Man, No Woman, No Commie Can Stump Him*” (“nenhum homem, nenhuma mulher, nenhum comunista é um desafio para ele”). Essa representação de indestrutibilidade apresentada na imagem de Trump musculoso e armado, assim como na frase que lhe serve de legenda, virou um símbolo estético marcante nas movimentações tanto nas redes sociais quanto nos atos antidemocráticos da invasão ao Capitólio.

Por que Rambo? John Rambo é um personagem icônico da cultura visual estadunidense. Ele construiu, através de filmes de ação, uma série de imaginários políticos sobre a guerra e sobre o papel dos indivíduos em contextos dramáticos e violentos. O sucesso do personagem o tornou sinônimo de coragem e destemor frente aos desafios que podem, segundo a lógica narrativa que o sustenta, ser solucionados por meio de atos heroicos e individuais. Destaca-se em Rambo a habilidade militar de um ex-soldado das forças especiais do exército dos Estados Unidos,



combatente na guerra do Vietnã, que, após ter sido capturado pelo exército inimigo e submetido a um tratamento cruel, foge de volta para o seu país natal, onde ganha honrarias pela coragem e destreza ao atravessar as florestas vietnamitas com poucos recursos até alcançar território pátrio.

A história de Rambo é a narrativa de uma experiência singular da guerra e da tortura física e psicológica a que governos autoritários submetem homens jovens; ela narra as emoções pungentes gravadas no soldado no retorno da guerra. Agressividade, raiva, esforço, sangue frio etc. são emoções e qualidades ressaltadas no ex-combatente, que segue, mesmo longe do combate institucional, matando para sobreviver.

Figura 2: Manifestante pró-Trump carrega réplica em papel do boneco de Trump Rambo durante ato de campanha eleitoral na Pensilvânia



Fonte: *El Wood City Ledger*, agosto de 2020.

Desde o lançamento do livro que inspirou o filme *First Blood* e do lançamento da película, já se passaram 50 anos, porém, há, como vimos, elementos simbolizados pelo personagem que ainda ecoam entre os grupos de manifestantes pró-Trump que veem a si mesmos, e ao próprio Trump, como destemidos guerreiros contemporâneos, ávidos por justiça. O uso das imagens do corpo de Rambo, nas quais se destacam dois elementos centrais, as armas de fogo e a hipertrofia muscular, é uma alusão declarada à conduta hegemônica de masculinidade pautada na



agressividade; sua instrumentalização política reside no encabeçamento desse corpo (a cabeça é símbolo de raciocínio e de pensamento estratégico) com a feição do líder carismático e populista de extrema direita, associado, então, ao masculinismo.

Rambo sintetiza a imagem do homem que nunca perde, e Trump, do homem que se recusa a reconhecer que perdeu; em comum, compartilham não apenas o forte nacionalismo que suas figuras representam como também o uso da violência como resposta e expressão de um poder. Toda essa paramentação em torno da figura do personagem cinematográfico é apenas uma das várias representações de masculinidade que foram registradas e divulgadas ao longo da campanha eleitoral de Trump e após o resultado das eleições. O ápice de tais manifestações visuais de masculinismo culmina inequivocamente na tomada da parte interna do Congresso Nacional e na aparição, mundialmente registrada, de um homem trajando roupas idiossincráticas que ficou conhecido na mídia brasileira como o “Viking” do Capitólio.³

A masculinidade hegemônica é literalmente uma bandeira da extrema direita, e a retórica política das imagens só a torna ainda mais evidente. Nas fotografias propagadas, vê-se um homem barbudo, sem camisa, de peito peludo e com chifres na cabeça, que urra enquanto bate um tacape sobre o piso do Congresso Nacional dos EUA: trata-se do jovem Jacob Anthony Chansley ou Jake Angeli, “o Xamã do Q’anon”, que, embora tenha ficado conhecido como o “viking” do capitólio, não usava uma fantasia de viking, mas uma indumentária confeccionada com pele de bisão. A imagem do rapaz trajando tal vestimenta traz à tona especificamente um objeto ritual usado nas cerimônias indígenas de algumas etnias norte-americanas, especificamente na cerimônia *Bufallo Dance*, na qual os homens celebravam, sob a forma de uma dança festiva, o retorno dos rebanhos de búfalos. Seu intuito era atrelar sua imagem de manifestante guerreiro à performance do homem “pré-moderno”.

³ Cf. TEIXEIRA, Jerônimo. As ideias extravagantes do “viking do capitólio”. *Época*, 13 de jan. de 2021. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/jeronimo-teixeira/coluna-as-ideias-extravagantes-do-viking-do-capitolio-24836214>>. Acesso em: 17 de jun. de 2022.



Figura 3: À esquerda, indígena norte-americano vestido para a cerimônia da dança do búfalo; à direita, Jacob Anthony Chansley durante invasão ao Capitólio



Fonte: à esquerda, fotografia de Edward Sheriff Curtis, 1926; à direita, fotografia de Win McNamee, Getty Images, 2021.

A indumentária alude a um tempo remoto, a representações de rituais do universo nativo e, quiçá de forma equivocada, a uma época na qual o poder patriarcal teria imperado com mais vigor. Entretanto, o trumpista recontextualiza — ao mesmo tempo que se apropria de — uma simbologia que remete aos povos autóctones norte-americanos, ligando-os a discursos e práticas extremistas. Essa artimanha de volta ao passado não só expressa como apropriações culturais podem ser efetivadas como também exemplifica o mecanismo saudosista que alicerça a virilidade autoritária do masculinismo.

Como já busquei evidenciar acerca deste episódio em outros trabalhos (cf. Autor), ao transformá-lo em um símbolo emblemático, as fotografias do “viking” expõem uma característica na qual se fundamenta a reprodução social do machismo: uma vontade política de fazer reemergir entre os homens contemporâneos um ícone procurado na anterioridade histórica, momento em que o homem teria usufruído de mais força, violência, dominação e selvageria — aliás, inclusive, as



mobilizações que convergiram na invasão foram denominadas por Donald Trump como *wild protest* (protesto selvagem).

Tal estética nostálgica da representação de comportamentos idealizados como “selvagens” tem sido instrumentalizada em prol de ideologias masculinistas — das quais Jacob Anthony Chansley é hoje um dos ícones mais representativos —, como, por exemplo, o *Male Tribalism*, e de teorias da conspiração tais como o Q-anon, admiradas pelos trumpistas. *Male tribalism* é uma noção desenvolvida por intelectuais de direita radical estadunidenses como Jack Donovan, dentre cujos livros mais famosos contam-se títulos como *Androphilia: A Manifesto — Rejecting the Gay Identity, Reclaiming Masculinity* (Androfilia: um manifesto — repudiar a identidade gay, reivindicar a masculinidade, 2011) e *Blood-Brotherhood and Other Rites of Male Alliance* (Irmandade de sangue e outros ritos de aliança masculina, 2007).⁴

Essa ideologia política prevê uma sociedade formada por homens ou grupos masculinos, em que as mulheres, criadas em cativeiro, serviriam apenas para a reprodução da espécie. Formados por um universo variado de seguidores, esses agrupamentos políticos inspiram-se esteticamente em soldados, vikings, espartanos, romanos, personagens medievais, nativos norte-americanos e atletas, os quais consideram seus ancestrais de masculinidade viril, que, a todo custo, teimam em não deixar morrer.

Essas formas, embutidas em sociedades ditas democráticas, que buscam celebrar e reacender a vetusta dominação patriarcal (COURTINE, 2013) manifestam-se, no exemplo de Jake Angeli, por meio de uma cultura estética da representação da masculinidade. O louvor a um homem primitivo idealizado e à suposta linhagem ancestral que o conecta ao presente sobrevive no leque de imagens e referências da socialização masculina. Conforme aponta Courtine (2013, p. 562), trata-se da procura pela “exemplaridade viril numa linhagem exclusivamente masculina (...) favorecida pelo sentimento de que alguma coisa da virilidade foi perdida”.

A instrumentalização de ornamentos cerimoniais da *Buffalo Dance* e a adoração da estética masculinista performada por Jake Angeli comprovam a necessidade de que imagens e performances reatualizem a simbologia da virilidade. Por sua vez, essas imagens são elaboradas de maneira mitológica, vinculando-se a representações e figurações que se

⁴ Fundamentados no princípio de que o mundo urbano moderno tem levado os homens a se afastarem de suas pulsões originais, tendo sido domesticados, afeminados e emocionalmente desvirilizados, ao demandarem a instituição de gangues ou tribos formadas exclusivamente por homens, as obras difundem ideais misóginos ao mesmo tempo que promovem o ódio étnico. Conceitos desse espectro bibliográfico transformaram-se progressivamente em pauta política da *alt-right* (direita alternativa) norte-americana.



fundamentam na reinvenção do arcaico. Jean-Jacques Courtine (2013, p. 575) auxilia-nos a pensar o *habitus* hegemônico da masculinidade viril, que se constitui como discurso mítico e se ampara na memória de uma potência de outrora. Para esse autor, tal potência, por ter sido colocada em questão através do progresso das mudanças sociais, é reafirmada constantemente, quer na socialização masculina quer na ideologia política, em “correntes de revirilizações” ao longo dos séculos.

Correntes de revirilizações ganham proporções globais. No dia 7 de setembro, data da independência do Brasil, no ano de 2021, em paralelo às que estavam sendo organizadas em outras capitais, uma manifestação pró-Bolsonaro prometia tomar a Avenida Paulista, na cidade de São Paulo. O ato, que se atrelava ao ritual cívico nacionalista, contou com carros de som, faixas e cartazes, assim como com a presença do próprio Jair Bolsonaro. As manifestações, a respeito das quais teceram-se inúmeros comentários nas mídias tradicionais e na internet ao longo do mês de agosto, eram vistas como um perigo potencial de confronto com grupos contrários ao presidente e, fundamentalmente, como um perigo iminente de “ruptura” com o sistema democrático. O clima geral de violência ficou absolutamente explícito, por exemplo, na convocação de militares veteranos a comparecerem às manifestações e na presença de manifestantes armados ou ostentando armas de brinquedo nos atos.

Durante a manifestação, um homem sem camisa, com o rosto pintado com as cores da bandeira brasileira e com uma vestimenta similar àquela usada pelo “viking do capitólio”, ganha visibilidade na mídia do país. A apresentação estética do rapaz era uma alusão clara à performance de masculinidade estampada na imagem do norte-americano urrando no Capitólio. A aparição do viking à brasileira é prova de que essas imagens vinculadas à política persuadem com efeito e eficácia, sendo rapidamente assimiladas, não apenas esteticamente como também ideologicamente.

Jair Bolsonaro já fez vários pronunciamentos sugerindo que, no ano eleitoral de 2022, no Brasil, poderão ocorrer problemas piores que os vistos nos Estados Unidos caso as eleições aconteçam via urnas eletrônicas. Os grupos nos quais os manifestantes pró-Trump se radicalizaram têm versões brasileiras tão violentas quanto as dos EUA. Esse fenômeno masculinista que vem à tona nas imagens da invasão ao Capitólio soma-se, portanto, à atualização constante de imagens de bravura masculina em torno de líderes e movimentos políticos. São iconografias revisitadas e retransmitidas, imagens que se retroalimentam.



Figura 4: Manifestante pró-Bolsonaro em manifestação do dia 7 de setembro de 2021



Fonte: Fotografia de Isabella Finholdt, Crusoé, 2021.

Além disso, as figuras do soldado e da força militar também foram incorporadas à personalidade pública de Jair Bolsonaro ao longo das eleições de 2018, permanecendo por todo o seu mandato. As referências constantes às insígnias, aos símbolos e às condutas do exército, o gesto da arma feito com as mãos e fotografias dele e de seus filhos portando armas, dentre um número quase infinito de exemplos, mostram a maneira como noções de masculinidade militarizada são incorporadas como parte da propaganda política. A entrada de Bolsonaro na política se encontra vinculada à sua carreira militar; foi a formulação de uma imagem de militar que compôs a ascensão de Bolsonaro. Assim, do mesmo modo que foi importada a imagem do “viking”, também por meio do uso estratégico de referências e violências idealizadas ou romantizadas do passado associadas a líderes políticos específicos, também Bolsonaro já protagonizou memes encabeçando o corpo de Rambo.



Figura 5: Meme que circula em redes sociais e grupos de plataformas como WhatsApp no Brasil



Fonte: Site Apkpure.

Foi possível confirmar, até aqui, que a identidade e as imagens através das quais o sujeito comum percebe a associação do líder político com o homem *de verdade* são peças fundantes de ideologias políticas autoritárias. São notórios nelas símbolos específicos tradicionalmente associados a força, poder, dominação e violência, quase sempre deslocados de seus contextos anteriores de aparição: a estratégia utilizada consiste em promover sua reparição pública e sua espetacularização, legitimando-os como ferramenta na arena das disputas políticas. A tendência de circulação de tais imagens e imaginários sobre o passado, por vezes misturados a referências ultramodernas, evidencia como as metáforas do poder são flexíveis, reinscritas no tempo presente e, em última instância, reinventadas. Observar a aparição dessas apresentações estereotípicas junto ao fascínio que elas exercem possibilita explicitar, no plano da descontinuidade histórica, os modos de transmissão e reprodução do machismo, do sexismo, da misoginia e da homofobia, através da sobrevivência e reatualização de formas visuais masculinistas em suas múltiplas mutações.

Um dos fundamentos dos estudos antropológicos sobre a masculinidade viril (HAROCHE, 2013; WELZER-LANG, 2001) considera que, nesse modelo de gênero, o que conta é tanto o exercício reiterado da potência quanto a obsessão com a impotência, com o medo ou o assombro



de que possa vir a falhar o poder da própria masculinidade. Em outras palavras, na afirmação constante, por parte do homem viril, de sua força simbólica, física e moral, haveria um mal disfarçado medo da falência, da derrota, da impotência.

Claudine Haroche (2013) propõe que o sentimento de medo frente à perda de poder, o que significa impotência, é o ponto cego da masculinidade viril. Dentro deste paradigma interpretativo, a perda de poder, a ameaça de perdê-lo, pode se reverter em negação do sujeito em uma resposta brutal, agressiva e, por vezes, assassina. Daí a necessidade de que a imagem, a performance e as regras de conduta tidas como viris sejam reforçadas, sobretudo em momentos históricos nos quais o desenvolvimento de formas de luta contra-hegemônicas (movimentos de luta por direitos sexuais, feminismos e movimentos LGBTQIA+, por exemplo) buscam equalizar desigualdades sociais.

A procura por ratificar as alianças com a norma patriarcal pautada na violência corresponde ao medo, disfarçado de força bruta, de que a masculinidade seja inconsistente e frágil. O ressentimento diante da impotência encontra-se expresso na recusa de Donald Trump em reconhecer sua derrota. Quando a masculinidade dominante perde seu domínio no plano político, o que emerge é esse grito de ressentimento, uma sensação de que o poder deve ser restituído por meio de um ato predatório. As imagens dos “vikings” nos EUA e no Brasil não evidenciam por acaso o desespero causado pela perda de poder, sempre em jogo na política, na recusa em aceitar o resultado das eleições e em incitar setores fanáticos da sociedade a atos antidemocráticos: o que está em jogo é a reconstituição e a reprodução do *modus operandi* dominante do masculinismo.

Conforme visto neste trabalho, na cena política contemporânea, têm circulado massivamente imagens que figuram e dramatizam poder associando-o à virilidade. Em todas elas, não vemos mais que um velho clichê, um arquétipo do “macho de verdade”. É exatamente esse clichê nostálgico do homem guerreiro e destruidor — quer seja Rambo, quer seja um arquétipo ancestral, caçador, pré-moderno — que, quando refigurado por meio de imagens persuasivas, reconstitui-se enquanto um marcador estético e moral masculinista.

Nessas representações de virilidade, tanto o homem primitivo (o “viking do Capitólio”) como o ex-combatente (Rambo) são vinculados à arena da política, fazendo ressuscitar e recriando, no cenário contemporâneo, a dimensão predatória e megalomaniaca da masculinidade encenada por líderes políticos autoritários e por muitos de



seus seguidores, sobretudo nas redes sociais. Essa masculinidade esteticamente elaborada pode ser vista como figurações masculinistas da política e como o vetor central de uma ordem social que busca realçar a oposição binária entre masculino e feminino e seus efeitos de poder por meio de artifícios, dissimulações e exageros.

O sincretismo estético revelado por imagens produzidas em tempos diferentes, mas com dimensões em comum, transmite a ideia de que o que é ser homem nunca muda. Isso tende a des-historicizar a experiência social do poder masculino: mostrar a masculinidade viril como uma estrutura subjacente, natural do ponto de vista biológico e historicamente presente em todos os tempos. Em vista disso, é chave fundamental para pensar a política contemporânea adentrar o mundo das representações masculinas e o fascínio despertado por elas em períodos em que o autoritarismo se torna um modo violento de relação com a diferença.



Referências

- BERGER, John. *Modos de Ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- CHAMPAGNE, John. *Aesthetic Modernism and Masculinity in Fascist Italy*. Londres: Routledge, 2012.
- CHAPOUTOT, Johann. Virilidade Facista. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 335-363.
- CONNELL, Robert. Políticas da Masculinidade. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, p. 185-206, 1996.
- CORRÊA, Sonia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, jun. 2018.
- COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 554-577.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ou a gaia ciência inquieta*. Lisboa:KKYM, 2013
- FACHINNI, Regina; LINS, Isadora. *Direitos em Disputa: LGBTI+, poder e diferença no Brasil contemporâneo*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2020.
- GUTMANN, Matthew. *Ser hombre de verdad en la Ciudad de México: ni macho ni mandilón*. Cidade do México: El Colegio de México, 2000.
- GUTMANN, Matthew. Trafficking in Men: The Anthropology of Masculino. *P. Annu. Rev. Anthropol.* V. 26, p.385-409, 1997.
- HAROCHE, Claudine. Antropologias da virilidade: o medo da impotência. In: CORBIN, Alan; COURTINE, Jean Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História da Virilidade*. Petrópolis: Vozes, 2013. p.15-34.
- KIMMEL, Michael. Masculinidade como homofobia: medo, vergonha e silêncio na construção de identidade de gênero. *Revista Equatorial*, v. 3, n. 4, 2016.



LAMERICHS, Nicolle *et al.* Elite male bodies: The circulation of alt-Right memes and the framing of politicians on social media. *Participations*, v. 15, n. 1, p. 180-206, 2018.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. Ideologia de Gênero: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, v. 32, n. 3, p. 725-748, 2017.

NAHOUM-GRAPPE, Véronique. A dimensão sexual de uma guerra: os estupros em série como arma na ex-Iugoslávia, 1991-1995. In: SCHPUN, Raisa (Org.). *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo, 2004.

PETERSON, Bill; ZURBRIGGEN, Eileen. Gender, sexuality, and the authoritarian personality. *Journal of Personality*, v. 78, n. 6, p. 1801-1826, 2010.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2012.

SPERLING, Valerie. *Sex, Politics, and Putin: Political Legitimacy in Russia*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

TAPSCOTT, Rebecca. Militarized masculinity and the paradox of restraint: mechanisms of social control under modern authoritarianism. *International Affairs*, v. 96, n. 6, p. 1565–1584, nov. 2020.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Género, Masculinidade e Poder: revendo um caso do sul de Portugal. *Anuário Antropológico*, v. 20, n. 1, p. 161-189, 1996.

VIVEROS VIGOYA, Mara. *As Cores da Masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.



Persuasive images: Masculinity and authoritarianism on the contemporary political scene

ABSTRACT: This paper discusses the representation of virile masculinity in contemporary politics, and, particularly, the *masculinist* aesthetics bound to (far) right and, broadly speaking, to authoritarianism. The analysis focalizes on scenes and pictures, spread by mass and social media, where the association between politics and the praise for *masculinist* aesthetics is synthesized either in the figure of a head of state or his supporters. The analyzed images were produced in Brazil and in the USA between 2018 and 2021. Both by comparing them and by analyzing them separately, it becomes possible to show how, through a syncretic aesthetics, a *masculinist* international framework has been produced serving as a base for different political groups. Those visual resources are strategically conceived through heterogeneous references ranging from ancient stereotypes to emblematic images of contemporary masculinity. Those images, because of their high incidence in political scenes, can be understood as part of an anti-gender campaign in countries of the global South and North. Those representations, at the same time, foster a neo-fascist view in politics and mean a male chauvinist resented answer to the progressive advance of social gains brought in the last decades by feminist struggle and social movements bound to dissident gender and sexual identities.

KEYWORDS: Masculinity. Authoritarianism. Politics. Images

Lucas Maroto MOREIRA

Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (FFCH-UFBA), mestre em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU-UFBA), atualmente doutorando em Antropologia pela Universidade Federal da Bahia. Tem experiência nas áreas de Antropologia Urbana, Antropologia do Corpo e antropologia do gênero e Antropologia Visual, com ênfase em temas relacionados a experiência da urbana e do espaço público. Pesquisou no mestrado vagabundagem e vadiagem de rua numa perspectiva histórico-urbanística. Atualmente dedica-se ao estudo sobre produção corporal entre as casas populares na musculação, nos esportes esportes de ação e outras práticas físicas, abordando temáticas como masculinidade , sexualidade e socialização. .

recebido em: 08/02/2023

Aprovado em: 29/05/2024